AS FACES DA MEMÓRIA: A IGREJA DO ROSÁRIO DE UBERABA/MG ENTRE A LEMBRANÇA E O ESQUECIMENTO (1841-1924)

FACES OF MEMORY: THE CHURCH OF THE ROSARY UBERABA/MG BETWEEN THE REMEBERING AND FORGETTING (1841-1924)

Raniele Duarte Oliveira[1]
Sandra Mara Dantas[2]

Resumo:
O objetivo do presente trabalho é interrogar a dificuldade em se falar da Igreja do Rosário de Uberaba/MG. Erguida em meados do século XIX, ela foi palco da interação social entre grupos que buscavam representatividade numa sociedade que paulatinamente se transformava. A partir da leitura do trabalho de memorialistas, de um comunicado de demolição, de algumas fotografias e de apontamentos realizados por teóricos que investigam a temática da memória constatou-se o quão complexo é abordá-la, pois, ao ser apagada da paisagem, no inicio da segunda década do século XX, o que restou sobre ela são sinais, pistas, vestígios documentais, que estão sujeitos aos movimentos da memória.
Palavras-chaves: igreja do Rosário; memória; lembrança e esquecimento.

Abstract
The present study aims at questioning the difficulty in speaking about the Rosario's Church, located

[1] Graduada em História pela Universidade de Uberaba (UNIUBE), graduanda em Geografia pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), mestranda em História na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Endereço de e-mail: ranieleehistoria@hotmail.com

[2] Doutora em História Social. Professora Adjunta do Departamento de História da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). Endereço de e-mail: sandra.dantas@netsite.com.br

in Uberaba – Minas Gerais. It was built in the mid-nineteenth century and it was a place of social interaction among groups which wanted to be represented in a society that has changed itself. From reading of memoirists reflections, a statement of demolition, some photographs and theorical notes by researchers who have studied the memory issues we realized the complexity of this approach, considering that the church was not there anymore, since the beginning of the second decade of the twentieth century, and nowadays there are only signs, ancient documents that can be influenced by memory movements.

Keywords: Rosario's church; memory; remembering and forgetting.

A Igreja de Nossa Senhora do Rosário em Uberaba, no Triângulo Mineiro, foi demolida, em 1924, sem justa causa a pedido do prefeito da cidade. Desde então, o seu "apagamento" ou "desaparecimento" da paisagem se apresenta num movimento que baliza entre a lembrança e o esquecimento.

A lembrança pode ser percebida em vestígios documentais[3] deixados por grupos que, mesmo após a sua derrubada, fizeram referências a sua existência e o esquecimento, concomitantemente, se expressa, no tempo presente, na dificuldade em encontrar e ter acesso a documentos sobre ela.

Com base nisso, o propósito desse artigo é interrogar a dificuldade em se falar da igreja do Rosário de Uberaba sabendo que suas memórias estão em consonância com o apontamento de Pierre Nora: "a memória está em permanente evolução, aberta a dialética da lembrança e do esquecimento" (1993, p. 9).

Assim como muitas outras igrejas do Rosário no Brasil, possivelmente, a de Uberaba foi construída com a ajuda do trabalho escravo[4] e após sua edificação a cidade ficou dividida em dois lados sociais e simbólicos: o Alto da Matriz e o Alto do Rosário tendo o Córrego da Lage como referência.

[3] A expressão "vestígios documentais", conforme explicada por Paul Ricoeur e citada por Jacy Alves de Seixas diz respeito a arquivos, monumentos e etc. Aqui ela é utilizada para se referir aos poucos documentos encontrados para a pesquisa sobre a igreja do Rosário.

[4] A perspectiva de ajuda do trabalho escravo na construção da igreja do Rosário em Uberaba está expressa no trabalho de: MENDES, Mara Loes Cardoso. *Uberaba religiosa*. Franca: UNESP, 1986.

No Alto da Matriz ficava a igreja cujo adro era formado pelas melhores construções que abrigava a população de maior poder aquisitivo. Diferente do Alto do Rosário que até então não possuía construções tão suntuosas e onde se concentrava a população pobre.

Além disso, essa igreja era ponto de convergência de relações socioculturais entre diferentes grupos[5]. Pessoas vinculadas à ordem arquidiocesana, por exemplo, estabeleciam rituais específicos da igreja católica e pessoas da irmandade do Rosário, que representavam os negros, estabeleciam rituais que eram específicos deles próprios[6].

Prontamente, seu espaço era palco de manifestações religiosas que tinham um caráter duplo porque nele as práticas de festividades dos negros entravam, (in)voluntariamente, em interação com os rituais religiosos dos brancos, mas ambos não se confundiam.

O que ocorria era a presença da igreja católica em festas caracterizadas como "de negros" e, igualmente, a presença "de negros" em festas promovidas pela igreja católica. Tanto é que na festa de Nossa Senhora do Rosário havia dois momentos: o primeiro era o de liturgia católica feita por um padre e o segundo era o de realização das congadas realizadas fora do espaço da igreja.

Porém, com o passar dos anos, tudo indica que o prédio do orago foi ficando desgastado devido à ação do tempo. Erguido com poucos recursos, em 1841, sua estrutura passou, por volta dos primeiros anos de 1900, a compartilhar o espaço na paisagem com um grupo escolar, uma igreja de padres dominicanos e uma associação de beneficência[7].

As construções passaram a fazer parte da paisagem na circunvizinhança e mais do que edificações, eram símbolos da atuação principalmente de grupos de imigrantes que optavam por se fixar do lado do Largo do Rosário, onde ficava a igreja, em função dos be-

[5] Os diferentes grupos que estavam envolvidos nas atividades da igreja eram a Arquidiocese, a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, a Irmandade dos Homens de Cor, os fiéis e, posteriormente, o próprio poder público municipal que emitiu um comunicado solicitando a demolição da igreja. Contudo, não foi possível identificar se a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e a Irmandade dos Homens de Cor diziam respeito ao mesmo grupo, ou se havia integrantes da segunda na primeira.

[6] Na irmandade do Rosário existia a participação de negros e brancos porque em um trecho do Regulamento da irmandade está explicitado que os votos em relação à organização e administração da igreja podiam ser dados por representantes brancos ou negros, os brancos aprovariam e os negros reprovariam.

[7] A igreja dos padres dominicanos era a "São Domingos" (1904), o grupo de beneficência era a "Associação Portuguesa de Beneficência 1° de Dezembro" (1907) e a escola era o "Grupo Escolar Brasil" (1909).

nefícios trazidos com a construção da Estação Ferroviária da Companhia Mogiana que, do mesmo modo, estava naquela direção.

Os edifícios construídos nas proximidades do Largo eram símbolos também do nascimento de novos espaços de sociabilidade e, ao que tudo indica, colocavam em xeque as atividades que na igreja do Rosário eram realizadas, pois, a população que morava perto do orago passou a contar com mais alternativas de onde estabelecer suas relações sociais.

Dentre esses lugares a igreja São Domingos, dos padres dominicanos, era um chamariz para os fiéis católicos, já que era uma obra de arquitetura singular que, no panorama local, demonstrava a opulência e o requinte europeus trazidos por estrangeiros que, naquele instante, representavam, para parte dos moradores da cidade, maior status.

E foi nesse contexto que, em 1924, o então prefeito de Uberaba, Leopoldino de Oliveira, solicitou a derrubada da igreja do Rosário sem dar explicações de suas motivações. Neste ponto surgem três hipóteses: a primeira é que a derrubada está articulada a um projeto de urbanização, de embelezamento e de disciplinarização do espaço urbano.

A segunda é que a Arquidiocese[8] não se opôs a demolição porque a construção da igreja dos padres dominicanos ganharia ainda mais destaque e angariaria os fiéis que até então frequentavam a igreja do Rosário; e por fim, a terceira hipótese, é a de que a demolição seria uma forma de apagar da paisagem um tempo que lembrava a escravidão, tendo em vista que a igreja era uma referência física para a população negra da cidade.

Ressalta-se, entretanto, que o documento que permitiu a construção da primeira hipótese foi um livro de resoluções municipais[9]. Nele constam muitos projetos de melhoramentos de infraestrutura da cidade. A segunda hipótese foi pensada levando-se em consideração a própria proximidade geográfica que havia entre a igreja do Rosário e a igreja São Domingos que, sem dúvida, atraia os olhares da população.

[8] Até o final do século XIX quem cuidava dos assuntos da Igreja em Uberaba era a Arquidiocese de Goiás, no entanto, no inicio do século XX, em 1907, por incentivo do bispo D. Eduardo Duarte e Silva, foi criada a Arquidiocese de Uberaba que passou a cuidar dos assuntos da religiosidade católica na cidade.

[9] Livro de Resoluções Municipais CAM/LM. Uberaba, MG, 1923/29. Esse documento encontra-se disponível para consulta no Arquivo Público de Uberaba (APU).

Já a construção da terceira hipótese se deu a partir da leitura do artigo de um almanaque[10].

Então, no ponto de vista do poder público municipal, a derrubada da igreja do Rosário colaboraria na construção da imagem de uma Uberaba moderna, progressista e civilizada, pois, a área do Largo do Rosário estava se tornando mais valorizada com a construção de edifícios que ofuscavam a simplicidade da igreja e deixavam-na incoerente na paisagem.

Assim, o prefeito Leopoldino de Oliveira, teria pedido a sua destruição porque ela "enfeava a cidade, estava muito acabada, era coisa de pobre, uma tapera que estava numa condição de cai num cai"[11] num lugar que com a pavimentação de uma avenida melhoraria os aspectos, físico e social, da cidade.

No entanto, no ponto de vista dos negros que participavam da Irmandade do Rosário, e da população negra em geral, não foram encontrados registros que indiquem o seu apoio à demolição e nem registros que sinalizem uma resistência à demolição.

Nessa ótica, apagar da paisagem a igreja que foi obra de cativos negros poderia ser uma forma de branquear a cidade, torná-la menos negra diante do suposto progresso geral que dominava a cena uberabense[12], isto é, derrubar a igreja do Rosário poderia ser uma forma de banir da paisagem aquilo que, no ponto de vista do poder público municipal, era considerado uma imperfeição, uma incoerência, uma expressão de atraso na urbe que se modernizava.

Nesse ângulo, o estudo das memórias sobre o orago do Rosário em Uberaba é uma forma de apreender funções e usos de um espaço que pode ser pensado como representativo das mudanças históricas da cidade. Mudanças que repercutiram em lembranças e esquecimentos engendrados a partir da percepção de sujeitos - memorialistas - que tiveram a preocupação em abordar experiências vivenciadas no espaço da igreja e no cotidiano local.

[10] O artigo em questão é: TOTI, Gabriel. *Álbum de Uberaba por Gabriel Toti*: Sócio correspondente dos Institutos Históricos e Geográficos de Minas Gerais e São Paulo. Uberaba: Tip. Galleli, 1956.

[11] Trecho do depoimento do historiador Pedro Coutinho, ex-membro da equipe técnica do Conselho do Patrimônio Histórico e Artístico de Uberaba (CONPHAU). Este Conselho funciona na Fundação Cultural, que é uma instituição vinculada a Prefeitura de Uberaba.

[12] RIBEIRO JÚNIOR, Florisvaldo. *De batuques e trabalhos*: resistência negra e a experiência do cativeiro em Uberaba (1856-1901). São Paulo: PUC, 2001. (Dissertação de Mestrado). p.11.

Outrossim, na igreja do Rosário as lembranças dividem lugar com os esquecimentos e as memórias estão abertas ao movimento de "aparecer, desaparecer e reaparecer por meio de imagens e representações que, de alguma forma, sobrevivem e se reproduzem" (SEIXAS, 2003, p.166). Há uma gestão da memória assim como há uma gestão do esquecimento[13] tanto no que toca a materialidade da igreja, quanto sobre as relações socioculturais que nela eram estabelecidas.

As memórias podem ser identificadas em alguns vestígios documentais, que são: um artigo de almanaque, um livro que aborda a história da igreja católica na cidade, um comunicado de demolição expedido pela câmara municipal, algumas fotografias e o trabalho de memorialistas que fizeram algumas menções em suas produções.

Escrito em comemoração ao centenário da cidade, trechos do artigo no almanaque[14] foram posteriormente reproduzidos ou reelaborados em outros trabalhos. No livro[15] que trata da trajetória das igrejas em Uberaba, a do Rosário é lembrada de forma sucinta. O comunicado de demolição está desgastado pela ação do tempo e as fotografias oferecem imagens que demonstram um pouco do ambiente urbano da época em que a igreja ainda existia[16]. Já no trabalho dos memorialistas[17] é possível identificar breves informações sobre o Largo do Rosário e as ruas que o circundavam.

[13] "Gestão da memória" e "gestão do esquecimento" ver em: SEIXAS, Jacy Alves de. Tênues fronteiras de memórias e esquecimentos: a imagem do brasileiro jecamacunaímico GUTIÉRREZ, Horacio; NAXARA, Márcia R. C.; LOPES, Maria Aparecida de S. Lopes (orgs.). In: *Fronteiras:* paisagens, personagens, identidades. Franca: UNESP; São Paulo: Olho D'Água, 2003.

[14] TOTI, Gabriel. *Álbum de Uberaba por Gabriel Toti:* Sócio correspondente dos Institutos históricos e geográficos de Minas Gerais e São Paulo. Uberaba: Tip. Galleli, 1956.

[15] PRATA, Pe. Thomaz de Aquino Prata (org.). *Memória Arquidiocese de Uberaba. Uberaba: Fundação Cultural de Uberaba e Museu de Arte Sacra, 1987.*

[16] O comunicado de demolição, as fotografias e os desenhos fazem parte do acervo cedido para consulta no Arquivo Público de Uberaba (APU).

[17] Os livros de memorialistas são: (1°) FERREIRA, Orlando. *Terra madrasta:* um povo infeliz. Uberaba, MG: Typographia Brasil Central, 1926. (2°) MENDONÇA, José. *História de Uberaba*. Uberaba: Academia de Letras do Triângulo Mineiro, 2008. (3°) PRATA, Pe. Thomaz de Aquino Prata (org.). *Memória arquidiocese de Uberaba. Uberaba: Fundação Cultural de Uberaba e Museu de Arte Sacra, 1987. (4°)* PONTES, Hidelbrando. *História de Uberaba e a civilização no Brasil central*. Uberaba: Academia de Letras do Triângulo Mineiro, 1970. (5°) SAMPAIO, Borges. *Uberaba - História, Fatos e Homens*: Introdução geral Ensaios Biografias Dispersos. v.1. Uberaba: Academia de Letras do Triângulo Mineiro. Bolsa de publicações do município de Uberaba, 1971.

Tais documentos correspondem a memórias socialmente produzidas, memórias que dimensionam o espaço da igreja dentro de um processo mais amplo de modificações[18] que ocorriam na cidade[19] e, consequentemente, refletiam no cotidiano religioso da igreja do Rosário, pois, ela era um lugar onde ocorria não só a interação de grupos sociais distintos, mas, um lugar cuja própria materialidade se situava numa parte da cidade que, pouco a pouco, recebia melhoramentos de infraestrutura e se expandia.

Contudo, esse processo de lentas transformações, ao que tudo indica, foi marcado também por tensões sociais. Isto posto, nas memórias sobre a igreja está explicitada a ideia de que a sua construção, "pelos homens de cor", seria uma forma de "homenagear a uma padroeira que lhes minorasse os castigos e sofrimentos impostos pelos amos maus e desumanos" (TOTI, 1956, p.27). Seguindo esta mesma linha de pensamento, o orago do Rosário também é popularmente lembrado como "igreja dos pretos" e isto, segundo o trabalho de um memorialista, "revela uma incorrigível discriminação racial que sempre existiu na sociedade uberabense" (PRATA, 1987, p. 251).

Daí, por meio dessas pistas, é possível supor que os grupos de negros em Uberaba não estavam isentos da coerção social gerada por outros grupos que não frequentavam a igreja do Rosário. Ao mencionar as perspectivas de "castigos e sofrimentos" e/ou "discriminação racial", os memorialistas[20] sinalizam que na cidade, os negros, libertos ou não, eram alvo de restrições e exclusões que, possivelmente, se davam em função da cor da pele, da ascendência e da origem étnica. Restrições e exclusões que, por sua vez, ocorriam tanto no espaço da igreja quanto fora dele.

[18] As modificações que ocorriam na cidade se davam simultaneamente nos âmbitos político, econômico, social, religioso e cultural. Isto porque, desde meados do século de XIX, até o inicio do século XX, em função das transformações nesses diferentes âmbitos, a situação urbana de Uberaba foi se alterando, sobretudo, no final do século XIX quando houve uma modernização na esfera viária, com a inauguração da estrada de ferro da Companhia Mogiana; na esfera econômica, com a expansão e especialização da pecuária, principalmente, no ramo de criação zebuína; e na esfera urbana, com novas áreas incorporadas, valorização de imóveis e aumento de edificações. Ver sobre isso em: LOURENÇO, Luís Augusto Bustamante. *O Triângulo Mineiro, do Império à Republica*: o extremo oeste de Minas Gerais na transição para a ordem capitalista (segunda metade do século XIX). Uberlândia: EDUFU, 2010.

[19] Ver: REIS, Francisco Morais; FONSECA, Rodrigo. *Uberaba 100 anos de olhares e memórias primeiro século 1856-156*. Uberaba: LTDA, 2009.

[20] Os memorialistas em questão são Gabriel Toti e o Pe. Thomaz de Aquino Prata.

Com base nisso, o que foi sendo tecido ao longo do tempo sobre a igreja do Rosário de Uberaba são memórias que apontam a existência de tensões sociais. Neste sentido, os escritos realizados muitos anos após a sua derrubada, por pessoas que não necessariamente conheceram seu espaço, revelam que as lembranças da mesma estão acompanhadas pelo que se esquece, pois, lembra-se que a igreja era chamada de "igreja dos pretos", como possível reflexo de restrições e exclusões dos negros na sociedade, mas se esquece do motivo que levou a sua demolição.

Sob esse ângulo, a demolição pode ser pensada como um elemento resultante de alterações em uma Uberaba que passou a contar com a "circulação social"[21] de diferentes grupos, tais como imigrantes, negros, comerciantes, fazendeiros e indivíduos sem grande poder aquisitivo que entravam em interação dando sentido a construção de uma nova cidade.

Ainda nessa ótica, a demolição da igreja é apresentada num movimento que presentifica de forma indireta a memória de grupos que vivenciaram os seus espaços, bem como a memória de grupos de outros tempos, porque no lugar onde o templo estava foi construída uma avenida que, décadas depois, ganhou, em seu centro, um monumento a Zumbi dos Palmares, símbolo de resistência à escravidão negra.

Isso indica que no mesmo espaço é possível identificar uma "pluralidade de tempos"[22] que, respectivamente, estão imersos numa pluralidade de memórias que se ancoram em contextos sociais específicos ou, como diria Maurice Halbwachs, "quadros sociais"[23] vivenciados por sujeitos que não estavam isentos das ideias, valores e imagens vigentes no tempo em que viveram.

Essa pluralidade de memórias e tempos, por sua vez, pode ser percebida na especificidade de escritos produzidos por representantes que são ou eclesiásticos ou pertencentes à elite local. Entretanto, ainda assim existe uma dificuldade em se encontrar memórias e/ou documentos feitos por sujeitos que vivenciaram na prática os rituais e solenidades da igreja, sobretudo, memórias produzidas por sujeitos pertencentes a grupos de negros e neste ponto se nota um esquecimento.

[21] Expressão utilizada em: ELIAS, Norbert. *O processo civilizador:* uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

[22] Expressão utilizada em: CATROGA, Fernando. *Memória, história e historiografia*. São Paulo: Quarteto, 2001.

[23] Ver: Halbwachs, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

Prontamente, o apagamento daquilo que era tido como espaço religioso abre campo para se pensar no significado da igreja do Rosário de Uberaba dentro da sociedade em que existiu, dentro dos interesses instituídos pelo poder público municipal que solicitou a sua derrubada (e deliberou a construção de uma avenida em seu lugar), dentro da Arquidiocese que não se opôs a sua destruição e dentro também dos interesses dos representantes do âmbito político que, anos depois, incentivaram a construção de um monumento que referencia Zumbi dos Palmares.

Isso quer dizer que toda memória é seleção, ação (re)criadora em que as escolhas dos sujeitos envolvem lembrança e esquecimento. Logo, "a memória e o esquecimento são igualmente induzidos pelos quadros sociais" (SEIXAS, 2001, p. 103) nos quais estavam inseridos os sujeitos que produziram memórias sobre o orago do Rosário em Uberaba.

Assim sendo, como é possível então abordá-lo? Ele está entre a lembrança e o esquecimento porque o que existe sobre ele são sinais, pistas, vestígios documentais que passaram pelo crivo da (re)elaboração de sujeitos que não necessariamente conheceram seus espaços; tem-se, na realidade, lembranças que bloqueiam seu total esquecimento e é neste ponto que está a dificuldade em tratá-lo, pois, seus vestígios indicam a existência de tensões sociais que em mais de oitenta anos não foram questionadas. Todavia, como é possível interrogar a existência de tensões com base apenas em uns poucos documentos nos quais o que está em foco são memórias que impedem o seu esquecimento?

Mesmo estando numa condição de "esquecimento reversível" (SEIXAS, 2001, p.170) a questão continua: como dialogar com suas memórias, e mais, como lidar, captar e tentar apreender o que nelas está sendo ocultado ou clarificado, visto que elas são fruto da seleção de pessoas que viveram em momentos após a demolição da igreja? Sobre isto, o que se tem é "registros sutis do esquecimento, ao mesmo tempo registros sensíveis de memórias" (SEIXAS, 2001, p. 172) que constantemente se (re)inventam, se transformam e, numa perspectiva de movimento, constituem um campo fértil para o estudo da História.

REFERÊNCIAS:

CARVALHO, Renato Muniz Barreto de. *Vida e morte de um córrego*: a história da expansão urbana de Ube-

raba, MG e do córrego das Lajes. Uberlândia, MG, 2004. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Uberlândia – UFU.

CATROGA, Fernando. *Memória, história e historiografia*. São Paulo: Quarteto, 2001.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

GABARRA, Larissa. *Congado:* religião e poder Minas Gerais século XIX. Artigo completo Annais Simposio Nacional de História. Santa Catarina, 2007.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

LOURENÇO, Luís Augusto Bustamante. *O Triângulo Mineiro, do Império à Republica*: o extremo oeste de Minas Gerais na transição para a ordem capitalista (segunda metade do século XIX). Uberlândia: EDUFU, 2010.

NORA, Pierre. Entre a memória e a história: a problemática dos lugares. *Revista do programa de estudos pós-graduados em história e do departamento de história*. São Paulo: Projeto História, 1993, n°10, p.7-28.

PINHEIRO, Ana Paula Arruda Mendes. *A origem do saneamento e dos princípios urbanísticos na cidade de Uberaba*. Campinas: Unicamp, 2004.

REZENDE, Eliane M. M. *Uberaba:* uma trajetória socioeconômica (1811-1910). Goiânia: ICHL/UFG, 1983 (Dissertação de Mestrado).

RIBEIRO, Florisvaldo. *A conquista de liberdade*: cenas do cotidiano uberabense nas últimas décadas da escravidão no Brasil. Uberlândia: Trabalho de Conclusão de curso na Universidade Federal de Uberlândia, 1989.

_____. *De batuques e trabalhos*: resistência negra e a experiência do cativeiro em Uberaba (1856-1901). São Paulo: PUC, 2001. (Dissertação de Mestrado).

_____. A fabricação da liberdade: alforrias e abolição da escravidão no Triângulo Mineiro, 1821-1888. *Revista:* história e perspectivas, Uberlândia (36-37):281-309, jan/dez.2007.

SEIXAS, Jacy Alves de. Tênues fronteiras de memórias e esquecimentos: a imagem do brasileiro jecamacunaímico. In: GUTIÉRREZ, Horacio; NAXARA,

Márcia R. C.; LOPES, Maria Aparecida de S. Lopes (orgs.). *Fronteiras*: paisagens, personagens, identidades. Franca: UNESP, 2003.

SILVA, Heladir Josefina Saraiva e. *Imigrantes italianos no Triângulo Mineiro, 1890-1920*. Franca: UNESP. Dissertação de Mestrado, 1997.

FONTES DE PESQUISA:

BORGES, Maria Antonieta; TEIXEIRA, Mônica Vale Bichuette (orgs.). *Dominicanas:* cem anos de missão no Brasil. Uberaba: Fundação Cultural de Uberaba e Museu de Arte Sacra.

MENDES, Mara Loes Cardoso. *Uberaba religiosa*. Franca: UNESP, 1968.

MENDONÇA, José. *História de Uberaba*. Uberaba: 2ª ed. Academia de letras do Triângulo Mineiro. Bolsa de publicações do município de Uberaba, 2008.

NABUT, JORGE Alberto. *A Igreja em Uberaba - 1937*. Uberaba: Fundação Cultural de Uberaba e Museu de Arte Sacra.

PONTES, Hidelbrando. *História de Uberaba e a civilização no Brasil central*. Uberaba: Academia de Letras do Triângulo Mineiro, 1970.

PRATA, Pe. Thomaz de Aquino Prata (org.). *Memória arquidiocese de Uberaba*. Uberaba: Fundação Cultural de Uberaba e Museu de Arte Sacra, 1987.

REIS, Francisco Morais; FONSECA, Rodrigo. *Uberaba 100 anos de olhares e memórias primeiro século 1856-1956*. Uberaba: LTDA, 2009.

SAMPAIO, Borges. *História, fatos e homens* – introdução geral ensaios biografias dispersos. v.1. Uberaba: Academia de Letras do Triângulo Mineiro. Bolsa de publicações do município de Uberaba, 1971.

TOTI, Gabriel. *Álbum de Uberaba por Gabriel Toti* - sócio correspondente dos institutos históricos e geográficos de Minas Gerais e São Paulo. Uberaba: Tip. Galleli, 1956.

Dom Eduardo. *Regulamento da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário*. 1896.

Livro de Resoluções Municipais - 1923/29 - CAM/LM.

Artigo recebido em 11 de setembro de 2011 e aceito em 30 de novembro de 2011